

**LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE: FORMAS DE LAZER E
SINGULARIDADES FUTEBOLÍSTICAS**

Recebido em: 13/05/2013

Aceito em: 14/04/2014

Micheli V. Ghiggi

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Porto Alegre – RS – Brasil

Méri Rosane Santos da Silva

Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Rio Grande – RS – Brasil

Marcos Paulo Stigger

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Porto Alegre – RS – Brasil

Elizara Carolina Marin

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Santa Maria – RS – Brasil

Luiz Carlos Rigo

Universidade Federal de Pelotas – UFPel
Pelotas – RS – Brasil

RESUMO: Este artigo é produto de uma dissertação de mestrado que teve como objeto de estudo o Futebol de Veteranos. O *corpus* empírico da pesquisa foi a Liga de Veteranos do Rio Grande (LVRG), da cidade de Rio Grande, Brasil, mais especificamente a 15ª edição do Campeonato de Veteranos, que ocorreu durante o ano de 2010. Os objetivos principais da pesquisa foram: compreender a organização e o funcionamento da LVRG; descrever e analisar os principais acontecimentos futebolísticos que ocorreram durante a 15ª edição do Campeonato de Veteranos. A metodologia utilizada na pesquisa foi a etnografia, aliada a contribuições advindas da história oral. Concluímos que os participantes da liga apropriam-se desse futebol com diferentes objetivos e significados e que a LVRG funciona como um significativo espaço de lazer e sociabilidades, mediado por um futebol que possui uma série de singularidades dentro e fora de campo.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de lazer. Futebol. Socialização.

RIO GRANDE VETERANS LEAGUE: FORMS OF LEISURE AND SOCCER SINGULARITIES

ABSTRACT: This article is the product of a master's dissertation which aimed to study the Veterans Soccer. The empirical corpus of research was the Rio Grande Veterans League (LVRG), from the city of Rio Grande, Brazil, specifically the 15th edition of the Veterans Championship, which happened during 2010. The main objectives of the research were: to understand the organization and functioning of LVRG; to describe and to analyze the major soccer events that occurred during the 15th edition of the Veterans Championship. The methodology used in the research was ethnography, combined with contributions from oral history. We conclude that league's participants appropriate this soccer with different objectives and meanings and that LVRG functions as a significant area of leisure and sociability, mediated by a soccer that has a series of singularities inside and outside the field.

KEYWORDS: Leisure activities. Soccer. Socialization.

INTRODUÇÃO

Giulianotti (2002) classifica o futebol como a prática esportiva moderna mais arrebatadora, o esporte das multidões. Mas, apesar disso, Elias e Dunning (1992) alertaram para a pouca relevância que as ciências humanas e sociais costumam dedicar ao esporte moderno e também ao futebol.

Mesmo considerando as alterações ocorridas em alguns países, como no caso do Brasil, onde a partir do século XXI é possível identificar um aumento de interesse do campo das ciências humanas e sociais, principalmente para com o futebol, como mostra o levantamento feito por Silva *et al.* (2009)¹, tanto o futebol como o esporte moderno continuam a demandar maiores investigações acadêmicas.

Nesse sentido, no presente estudo trataremos especificamente do futebol de veteranos², um futebol praticado como lazer que, como assinalou Damo (2005),

¹ O levantamento feito por Silva *et al.* (2009) identificou um número significativo de teses, dissertações, artigos em periódicos, trabalhos publicados em anais de congressos e livros, realizados e publicados entre os anos de 1980 e 2007, que analisavam o futebol brasileiro a partir das ciências humanas e sociais.

² Futebol de veteranos é um termo utilizado em diferentes regiões do Brasil para definir a prática do futebol por sujeitos que já alcançaram uma faixa etária significativamente elevada quando comparada à idade que predomina no futebol profissional. Neste estudo, especificamente, o termo futebol de veteranos compreendeu a categoria de veteranos (40 anos completos) e a categoria máster (a partir de 50 anos).

geralmente tende a ser ignorado pelos grandes veículos midiáticos e também pelo poder público, que continua permitindo a destruição de campos de futebol que servem como espaço de lazer, como denunciou Hirata (2006). Contudo, estudos como os de Adauto (1999), Rigo; Jahnecka e Crochemore (2010) e Myskiw (2012), indicam que o futebol de várzea (de lazer) resiste, modifica-se e está longe de acabar.

Na cidade do Rio Grande (RS), por exemplo, local em que foi realizada esta pesquisa, no ano de 2010 o campeonato amador de “novos” da Campanha³ foi disputado entre 16 equipes⁴, e o campeonato amador de veteranos entre 19⁵, sendo que em 2011 as duas competições tiveram 20 clubes inscritos cada uma⁶. Número bastante

³ A notícia divulgada no site da Prefeitura Municipal do Rio Grande demonstra parte do envolvimento dos moradores locais com a competição: “Em uma tarde de calor intenso neste domingo, 29, o Campeonato Amador da Campanha teve a final da competição em seus primeiros e segundos quadros no estádio Marinheirão na Ilha dos Marinheiros. O público se fez presente em grande número, com três comunidades sendo representadas na grande decisão. Moradores da Ilha da Torotama, Povo Novo e da própria Ilha dos Marinheiros fizeram uma grande festa, além da presença de visitantes que se deslocaram do continente para assistirem, não só um bom jogo de futebol, mas também o ressurgimento de um amador forte e competitivo.” (Prefeitura Municipal do Rio Grande, 30 nov. 2009).

⁴ Quinta Futebol Clube, Parque Marinha, Sociedade Esportiva Recreativa Lambari, Santa Terezinha Futebol Clube, Clube Olímpico Raça, Sociedade Recreativa Esportiva Camponez, Esporte Clube Flor do Pago, Grêmio Esportivo Nacional, Esporte Clube Esperança, Clube Recreativo Miami, Esporte Clube Santo Antônio, Barulho Futebol Clube, Esporte Clube Libertador, Fiateci Futebol Clube, Esporte Clube Novo Avante e Grêmio Atlético Juventude. Fonte: Blog Oficial do Fiateci Futebol Clube, disponível em <<http://fiatecific.blogspot.com/2010/05/campeonato-de-futebol-amador-2010.html>>. Acesso em: 18 out 2011.

⁵ Na categoria veteranos: (1) Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, (2) Associação Esportiva Santa Bárbara Futebol Clube, (3) Associação Futebol Clube Mirim, (4) Cassino Futebol Clube, (5) Esporte Clube Santo Antônio, (6) Grêmio Esportivo Nacional, (7) Palmeira Futebol Clube, (8) Real Nortense Futebol Clube, (9) Sociedade Esportiva Recreativa Zodíaco, (10) Sociedade Recreativa e Esportiva Camponez, (11) União Esportiva Vilarreal e (12) União Esportiva Vilarreal B. Na categoria máster: (1) Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, (2) Cassino Futebol Clube, (3) Clube Atlético Saveiros, (4) Clube Olímpico Raça, (5) Confraria da Bola, (6) Quinta Futebol Clube e (7) Escola de Samba Vim pra Ficar.

⁶ Campeonato amador de novos da Campanha: 1º quadro (principal) e 2º quadro – Fiateci Futebol Clube, Esporte Clube Santo Antônio, Esporte Clube Libertador, Grêmio Atlético Juventude, Grêmio Esportivo Nacional, Barulho Futebol Clube, Esporte Clube Esperança, Esporte Clube Novo Avante, Sociedade Recreativa Esportiva Camponez e Esporte Clube Flor do Pago. Campeonato amador de veteranos: Categoria veteranos: (1) Cassino Futebol Clube, (2) Palmeira Futebol Clube, (3) Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, (4) Esporte Clube Caixa D’Água, (5) Sociedade Esportiva Barcelona, (6) Real Nortense Futebol Clube, (7) Associação Esportiva Santa Bárbara, (8) Associação Futebol Clube Mirim, (9) Esporte Clube Santo Antônio, (10) União Esportiva Villarreal, (11) Sociedade Esportiva Recreativa Zodíaco, (12) Grêmio Esportivo Nacional. Categoria Máster: (1) Cassino Futebol Clube, (2) Clube Olímpico Raça, (3) Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, (4) Confraria da Bola, (5) Escola de Samba Vim pra Ficar, (6) Sociedade Recreativa Esportiva Camponez, (7) Quinta Futebol Clube, (8) Palmeira Futebol Clube.

significativo, principalmente se considerarmos que no ano de 2010, Rio Grande tinha uma população de 197.228 habitantes (IBGE, 2010)⁷.

Alguns estudos assinalam essa permanência do futebol de várzea como uma prática de lazer de significativa adesão, similar ao que ocorre em Rio Grande, e em outras cidades. Em Pelotas, município que no ano de 2010 possuía 328.275 habitantes (IBGE, 2010)⁸, o Campeonato Citadino de 2006 totalizou 60 equipes inscritas (RIGO; JAHNECKA; CROCHEMORE, 2010), em Porto Alegre, cidade que no ano de 2010 tinha uma população de 1.409.351 habitantes (IBGE, 2010)⁹, de acordo com Myskiw (2012) o campeonato de várzea da cidade na edição de 2011 reuniu 264 equipes. Nessa mesma perspectiva, Hirata (2006) destaca a relevância da Copa Kaiser¹⁰ (competição que aglutina equipes de São Paulo e de algumas cidades vizinhas) que em algumas edições teve mais de 190 equipes inscritas, tanto na série B como na série A, denominada de “elite da várzea”.

Esses números de equipes participando em diferentes competições mostram que em cidades como Rio Grande, Pelotas (RIGO; JAHNECKA; CROHEMORE, 2010), Porto Alegre (MYSKIW, 2012; BAULER, 2005) e São Paulo (HIRATA, 2006; ADAUTO, 1999), o futebol de várzea continua a ser uma importante opção de lazer das classes populares. A partir desse pressuposto optamos por realizar esse estudo, que tem como delimitação empírica o futebol organizado pela Liga de Veteranos da Cidade de Rio Grande (LVRG).

⁷ Ver mais em: <<http://cod.ibge.gov.br/YI6>>. Acesso em: 4 maio 2011.

⁸ <<http://cod.ibge.gov.br/X6>>. Acesso em: 24 abr.2014

⁹ <<http://cod.ibge.gov.br/X6>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

¹⁰ Ver mais em: <<http://www.simmm.com.br/copa2010a/>>;<<http://www.simmm.com.br/copa2010b/>>; <<http://www.simmm.com.br/copa2011a/sobre/default.asp>>;<<http://www.simmm.com.br/copa2011b/sobre/default.asp>>.

Se tomarmos como referência as diferentes configurações futebolísticas sugeridas por Damo (2003), o futebol da LVRG aproxima-se do que esse autor denominou “futebol comunitário”. Para o autor, tal futebol aproxima-se mais do “futebol profissional” do que do “futebol de bricolagem” ou do “futebol escolar”, apesar de ele não exigir dos seus praticantes um capital corporal similar ao que é exigido no futebol profissional (DAMO, 2003) ¹¹.

A LVRG está situada na cidade do Rio Grande, o município mais antigo do Rio Grande do Sul (fundado em 1737). A sede da LVRG está localizada em uma sala do Ginásio Municipal de Esportes Farydo Salomão, junto à Praça Municipal Conselheiro Saraiva, apelidada de “pracinha” pelos veteranos. A LVRG mantém atividades o ano todo, e as suas competições de futebol (campeonatos, torneios) são destinadas a homens com mais de 40 anos.

Assim, tendo como referência a relevância das ações desenvolvidas pela LVRG, este estudo tem como objetivos: (1) investigar e descrever o funcionamento e as formas organizativas da Liga de Veteranos do Rio Grande (LVRG); (2) descrever e analisar algumas singularidades futebolísticas presentes na 15ª edição do campeonato da LVRG, ocorrido no ano de 2010; (3) analisar algumas práticas constituintes do futebol de veteranos da LVRG.

CONSIDERAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

Ao tratar das relações entre sujeito e objeto nas ciências humanas e sociais, Veiga-Neto (2007, p. 35) destaca a “impossibilidade da asepsia metodológica” e chama a atenção para os “infinitos recortes e combinações que compõem o mundo” (p. 36).

¹¹ Para mais considerações sobre essas configurações futebolísticas (profissional, comunitária, bricolagem e escolar), propostas por Damo (2003), consultar: <<http://www.lazer.eefd.ufrr.br/epsoc/pdf/es103.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

Assim, partindo desses princípios epistemológicos e dos objetivos deste estudo, esta pesquisa utilizou como metodologia a etnografia e algumas contribuições advindas da história oral¹².

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1998) destaca que para alcançarmos o fazer etnográfico a partir do olhar, do ouvir e do escrever é fundamental nos apropriarmos do maior número possível de dados, nomenclaturas, símbolos e analisar as suas diversas relações.

Nessa mesma linha, Geertz (1989) comenta que o etnógrafo encontrará uma diversidade de “estruturas conceituais complexas”, interligadas umas às outras, que deverá “primeiro apreender e depois apresentar”. Fazer etnografia “é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (ibidem, p. 20).

Geertz chama a atenção para o fato de que a prática etnográfica vai além de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário...”. Essas técnicas e procedimentos da etnografia estão atrelados ao esforço intelectual do pesquisador em decifrar os códigos estabelecidos entre os indivíduos que compõem aquele sistema (idem, 1978, p. 15).

Assim, inspirando-nos na etnografia, confeccionamos 43 diários de campo e analisamos uma série de registros e documentos que encontramos nos acervos da LVRG (atas, estatuto, regulamentos, notícias do Jornal Agora)¹³.

¹² A fim de atender aos procedimentos e cuidados éticos, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (CEP-FEN-UFPel) e aprovada sob o parecer nº 219/2011.

¹³ Principal jornal da cidade do Rio Grande, o único com edições diárias.
Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

Após um período de anotações através da observação sem interação, passamos a nos relacionar com os sujeitos investigados. As observações desses momentos foram registradas em diários de campo e por vezes acrescidas com imagens (fotografias). Esses registros foram coletados a partir do campeonato de futebol de campo de 2010 da LVRG, das categorias veteranos e máster¹⁴, *corpus* empírico da pesquisa.

Além das observações, da confecção dos diários de campo e da análise do acervo dos registros escritos (documentos e reportagens), também foram coletados três depoimentos orais: um com um dirigente da liga, que também atuava como treinador de uma equipe de veteranos¹⁵, outro com um treinador de uma das equipes que disputa o campeonato de veteranos¹⁶ e um terceiro com um dirigente de clube e jogador da categoria máster¹⁷.

Os depoimentos seguiram alguns princípios metodológicos da história oral, como os que assinalam Portelli (2010) – quando nos lembra de que na história oral “a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar” (PORTELLI, 1996, p. 2) – ou as indicações de Thompson (1992), que salienta o quanto os depoimentos são propícios para “corroborar” e “preencher” com minúcia as lembranças dos temas que estamos investigando.

¹⁴ Na categoria de veteranos, podem se inscrever aqueles jogadores que possuem 40 anos completos e na categoria máster podem se inscrever aqueles nascidos até 1960 (LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE DO SUL, 2010a, 2010b).

¹⁵ Esse entrevistado se chama Carlos Reni Dias. Nasceu em 1958, é publicitário e participa da LVRG desde sua fundação. Atualmente, exerce o cargo de presidente e atuava como treinador do time de veteranos da Associação Futebol Clube Mirim. A entrevista foi realizada no dia 21 de março de 2011 na sede da LVRG.

¹⁶ O outro entrevistado foi Oraci Henrique Lopes (Cica). Ele nasceu em 1956, é assessor de vereador do município e, no ano de 2011, atuava como treinador do time de veteranos do Palmeiras Futebol Clube. A entrevista foi realizada no dia 9 de setembro de 2011, na Câmara de Vereadores do município do Rio Grande.

¹⁷ O terceiro entrevistado foi Dailton Alves de Macedo, que é securitário e nasceu em 1952. Em 2011, ele trabalhou como dirigente/“patrono” do Cassino F. C. e também era jogador da equipe máster desse mesmo clube. A entrevista foi realizada no dia 13 de outubro de 2011, no campo do Cassino.

A utilização combinada da etnografia com a história oral teve como referência as afinidades teóricas e metodológicas existentes entre elas. Como observa Magnani, os discursos e as ações são “formas diferentes, mas complementares de expressão de um mesmo universo simbólico que só pode ser apreendido como sistema abstrato, mas que se manifesta através da especificidade de cada situação concreta” (MAGNANI, 1984, p. 58).

OS VETERANOS E O SEU FUTEBOL

Neste estudo, o termo *veterano* é utilizado para designar os sujeitos com idade acima de 40 anos que jogam futebol na LVRG. Essa delimitação etária constitui-se em um componente estruturante do futebol praticado e uma marca de singularidade da LVRG¹⁸.

A partir da LVRG, passamos a observar e analisar o campeonato organizado por ela. Nesse processo, a sede da liga tornou-se um dos pontos principais para a coleta de dados. Logo constatamos que muitas questões relacionadas ao futebol que faziam parte deste estudo ultrapassavam as linhas do campo de jogo. Assim, passamos a considerar as experiências da LVRG sob dois aspectos: campo e extracampo.

Naquilo que chamamos de experiência de campo, notamos que há uma busca pela vitória das equipes e também uma preocupação como o desempenho individual dos jogadores. Além disso, em função de uma série de fatores a disposição e a motivação dos jogadores podem ser diferentes de um jogo para outro. São situações que se aproximam da noção de “dinâmica dos grupos esportivos”, observada por Elias e

¹⁸ Lazzoli *et al.* (2001) salienta que nos últimos anos vem ocorrendo um aumento de sujeitos com mais de 35 anos em atividades físicas e esportivas. O estudo, que tem como um dos seus objetivos fornecer recomendações médicas para maior segurança na prática de exercícios de caráter competitivo por atletas veteranos, analisa o posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte sobre o esporte competitivo em indivíduos acima de 35 anos.

Dunning (1992), que pressupõe diferentes níveis de tensão e de cooperação ocorrendo concomitantemente¹⁹. Nesse caso, o jogo de futebol não deveria ser visto como algo separado do grupo de jogadores, pois o padrão individual de jogo é também um padrão de grupo. A configuração inicial de um jogo de futebol pode se transformar no transcorrer da partida, configurando outras dinâmicas do jogo (mudanças no resultado). Quando assistimos a uma partida de futebol, não estamos diante de um conjunto coerente de pessoas, que se desloca entre o ataque e a defesa, mas sim, de “pequenos grupos de seres humanos que modificam as suas relações em constante interdependência” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 280).

Nas atividades que compõem o extracampo do futebol da LVRG, existem configurações inspiradas em princípios do futebol profissional, como a preparação dos jogadores, a presença de treinadores, a organização e o regulamento do campeonato da liga. No entanto, em outras atividades extracampo desse mesmo grupo social, sobrepõem-se a sociabilidade, o divertimento – a dimensão mais lúdica do futebol da LVRG.

Seguindo a sugestão de Wisnik (2008), que nos convida a interpretar o futebol, perseguindo as “ligações entre o jogo e os processos que o cercam, o interno e o entorno” (p. 18), nos dedicamos à análise dos preparativos que antecediam aos jogos, as próprias disputas e os acontecimentos pós-jogo, que continuavam para além do campo. A partir dessa perspectiva, priorizamos realizar uma análise desse futebol como uma opção de lazer.

¹⁹ Para os autores, nem a tensão nem a cooperação seriam o que são uma sem a outra.
Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

O FUTEBOL DE VETERANOS COMO OPÇÃO DE LAZER

Lazer e futebol são dois conceitos distintos, mas muitas vezes podem representar práticas comuns ou que possuem uma grande afinidade. Ao tratar das relações, das conexões e de similaridades existentes entre as distintas práticas futebolísticas e o conceito de lazer, Lages e Da Silva (2012) salientam que, principalmente por ser um esporte, uma manifestação cultural, o futebol “pode possibilitar diversas experiências de lazer” (p. 6).

De acordo com Elias e Dunning (1992), as atividades de lazer caracterizam-se principalmente por serem ações em que os seus sujeitos (agentes) possuem um grau maior de livre-arbítrio para deliberar sobre elas:

Em certos aspectos, todas as atividades de um indivíduo têm outros indivíduos como quadro de referência; noutras, o quadro de referência é o próprio agente. No caso das atividades de trabalho, o equilíbrio entre esses dois aspectos inclina-se a favor do primeiro, no caso das atividades de lazer, a favor do último (ibidem, p. 139).

O futebol de veteranos que investigamos se situa nesse grupo que Elias e Dunning classificam como atividades de lazer, produtoras de uma “agradável tensão-excitação”, que proporciona uma sensação “de satisfação” (ibidem, p. 136). Assim, apesar de ser uma atividade séria, constituída por compromissos múltiplos e responsabilidades distintas, como assinala um dos nossos entrevistados, o futebol não deixa de ser, predominantemente, “um lazer” (Depoimento – MACEDO, 13/10/2011).

Nesse futebol de lazer, os diferentes atores – jogador, torcedor, dirigente, árbitro – assumem papéis e responsabilidades bastante distintas: “No sábado eu faço futebol, depois de uma semana de trabalho, e no domingo eu vejo futebol” (Depoimento – DIAS, 21/3/2011). Apesar dessas diferenças de papéis, em todas as funções o livre-arbítrio coexiste com a responsabilidade, com a organização e com um regramento

compactuado pelo grupo e mediadas pela LVRG; algo similar ao que Stigger (2002) identificou em um grupo que praticava esporte como lazer sem que essas atividades se inserissem em uma lógica dicotômica do tipo lazer *versus* trabalho.

Nesse sentido, pode-se classificar o futebol da LVRG como uma atividade de lazer que abarca algumas características típicas do “labor”, no sentido que Arendt (2007) concebe esse conceito; como uma construção cultural em que estão presentes a organização, os acordos, as responsabilidades individuais e coletivas e os compromissos éticos.

A LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE (LVRG)

A LVRG foi fundada em 1995²⁰ por um grupo de amigos que residiam em um mesmo bairro e jogavam futebol juntos desde a juventude, mas estavam encontrando dificuldades para participarem de competições de futebol, principalmente por terem ultrapassado a idade média dos demais jogadores.

Ainda no tempo que iam à escola, alguns jovens que moravam no mesmo bairro (Senandes) resolveram organizar um time de futebol e fundaram o Bahia Futebol Clube. Segundo um dos fundadores, esse time destacou-se pelo sucesso que alcançou nas competições da região.

Nós criamos o Bahia, que teve uma felicidade muito grande, assim, de angariar muitos títulos. Nós chegamos a uma época, assim, que tinha os torneios de futebol, coisas assim, e nós já não éramos mais convidados. Porque se nós fôssemos convidados os clubes já não teriam mais outros tantos que eram convidados, porque o nosso time ia e tomava conta (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

²⁰ A Liga de Veteranos do Rio Grande foi fundada em 14 de fevereiro de 1995, como sociedade civil, de âmbito regional, sem fins comerciais, de caráter científico, educacional, desportivo, associativo e prestadora de serviços de utilidade pública, a fim de organizar, supervisionar, coordenar, fiscalizar e divulgar as atividades esportivas nos campeonatos de futebol de campo, futebol de salão, voleibol e demais modalidades, em qualquer categoria amadora, promovidas pela entidade (LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE, 1995).

Nesse tempo (final da década de 1960 e início dos anos 1970), havia na cidade do Rio Grande três clubes de futebol profissional (Sport Club Rio Grande, Football Club Riograndense e Sport Club São Paulo) que buscavam jogadores jovens nos clubes não profissionais. Assim, alguns garotos do Bahia F.C. tornaram-se jogadores profissionais desses clubes e, posteriormente, passaram a *rodar*²¹ por outros clubes da região e até de fora do Rio Grande do Sul: “[...] eles olhavam o futebol amador daquela época, então acharam a mim... Acharam meu irmão, acharam meus dois primos, acharam mais outros dois que jogavam conosco lá.” (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

Anos depois, alguns desses jovens resolveram reunir novamente o Bahia F.C. para participar de um campeonato comemorativo organizado pela administração municipal, na categoria acima de 35 anos. A participação nessa competição incentivou o grupo a pensar em competições específicas para os veteranos e a estabelecer uma idade mínima aos jogadores. “O que a gente enxergou naquela época? Que com 35 anos era muito mais fácil eu correr com um cara de 40 e de 45 do que com um de 30, ou 31. Então isso a gente conseguiu avaliar e ver que realmente era necessário botar uma idade fixa.” (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

Partindo dessa avaliação, no ano de 1994 alguns dos jogadores que haviam disputado aquela competição comemorativa fundaram uma associação e organizaram um campeonato específico para jogadores a partir de 35 anos. A aceitação dessa competição foi mais um incentivo para fundar a Liga de Veteranos (LVRG).

Assim, em fevereiro de 1995 ocorreu uma reunião na casa de Elói Maciel, na Rua Taquarimbó, número 77, no Balneário Cassino, que teve como objetivo tratar da

²¹ O termo *rodar* é utilizado pelos veteranos para se referirem à circulação de jogadores em clubes de diferentes regiões, em sinal de aceitação. Rial (2008) refere-se a esse termo utilizado por jogadores profissionais para abordar os movimentos migratórios, também em sinal positivo de enriquecimento através da experiência.

“fundação de uma entidade esportiva, que iria a partir desta data dirigir o campeonato municipal de veteranos” (LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE, 1995). Essa reunião contou com 11 participantes²².

A partir desse ano, realizaram-se quatro edições do campeonato de veteranos na categoria acima de 35 anos (1995, 1996, 1997, 1998). Posteriormente, a partir da edição de 1999, a idade mínima passou para 40 anos. Além disso, a partir desse ano a LVRG começou a organizar também o campeonato na categoria máster, acima de 50 anos, pois “aqueles que estavam ali com 45, 46, 47, já estavam quase fazendo 50, e continuavam jogando com os de 35 anos, porque não tinha outra categoria” (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

Segundo um levantamento realizado pela diretoria da liga (2009/2010) e publicado no Jornal Agora (4-5/12/2010, p. 9), em seus 15 anos de existência (1995-2010), já fizeram parte da LVRG 36 clubes e 1.235 atletas.

A sede da liga possui uma sala com uma mesa de madeira com cavaletes, que serve de divisão entre os dirigentes e o atendimento ao público; um acervo com dois arquivos com gavetas grandes, onde estão arquivadas as fichas dos jogadores e outros documentos. Em cima desses arquivos ficam alguns troféus. Há também arquivos de papelão com documentos de campeonatos passados, um armário com material de escritório, um sofá, algumas cadeiras e mesas, um computador, duas máquinas de escrever, um banco sobre um degrau de madeira, para que a direção da liga fique em uma posição mais alta, principalmente nos dias dos julgamentos de jogadores e equipes.

Unindo os dois espaços divididos pelo balcão, há na parede oposta à entrada, um mural extenso. Uma parte do mural é destinada à Junta Disciplinar Desportiva (JDD), a

²² Theóphilo Farinha Camargo, Moisés Cardoso da Silva, José Airton de Sá Soares, Theodomiro Dall Pizzol, Clóvis Pércio Mallmann, Alexandrino Ferreira Maiato, José Soilo Soares, Carlos Reni Pinho Dias, Elói Maciel, Antônio Carlos Rodrigues Soares e Sérgio Antônio Carvalho.
Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

outra, a assuntos gerais da LVRG (como notícias de jornal, carnês de pagamento), e uma terceira parte é destinada aos clubes. No centro da porta há o brasão da liga, onde toda semana são fixados os resultados da rodada anterior, os jogos da próxima rodada com os respectivos mandos de campo e a tabela com a pontuação atualizada do campeonato. Do outro lado do balcão fica uma série de bancos e cadeiras, mas nem sempre há lugar para todos sentarem, e alguns preferem permanecer escorados no balcão. Em cima do balcão há um suporte com fichas numeradas para o atendimento ao público. Além das fichas, em cima do balcão ficam duas pastas, uma azul e outra vermelha (uma por categoria), onde há os registros dos cartões amarelos e vermelhos de cada equipe de todas as partidas – os representantes dos clubes têm acesso a esses registros.

Grande parte dos equipamentos e móveis que estão na sede da liga são de doações feitas mediante solicitação dos diretores. O dinheiro arrecadado com as taxas de inscrições dos clubes nos campeonatos costuma ser investido na competição do mesmo ano. Segundo os diretores, seria importante que houvesse algum tipo de apoio que os possibilitasse a liberar os clubes dessa taxa, mas, infelizmente, isso nunca ocorreu. As inscrições para o campeonato em 2010 custaram R\$ 240,00 na categoria veteranos e R\$ 200,00 na categoria máster. Nos dois casos, a primeira parcela deve ser paga no ato da inscrição. Caso algum clube não realize o pagamento conforme estipulado, será notificado com um aviso de inadimplência afixado ao mural da sede, e o clube perde as condições de jogo.

Os atletas filiados à LVRG são cadastrados no sistema *ficha única*, que fica sob o controle de cada clube²³. A ficha contém um número da entidade, os dados pessoais

²³ As fichas são impressas e plastificadas a fim de evitar possíveis alterações e rasuras. Os custos de material são repassados aos clubes, custando R\$ 3,00 uma nova ficha com a plastificação e R\$ 8,00 uma Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

do jogador, foto e, no verso, seu histórico de disciplina. Na sede da liga permanece uma segunda ficha (manuseável), na qual estão registrados os clubes em que cada jogador já atuou e o seu respectivo histórico disciplinar. Esse sistema de organização e cooperação produz vínculos entre os clubes e também entre os jogadores, pois todos pertencem à LVRG e fazem parte do mesmo “pedaço”²⁴ (MAGNANI, 1984).

O CAMPEONATO DE 2010: VETERANOS-40 E MÁSTER-50

A diretoria da Liga de Veteranos do Rio Grande já se reúne há duas semanas para traçar o Campeonato de Veteranos 40 anos e Máster 50 anos de 2010. Na pauta da reunião com os clubes, que acontece hoje, está todo o planejamento para esta temporada... A Liga de Veteranos do Rio Grande convoca todos os clubes filiados e novos para a primeira reunião de 2010, hoje, às 19h30min, na sede da entidade... ‘A diretoria da Liga de Veteranos conta com presença de todos para dar início à montagem das competições’ (Jornal Agora, 16/3/2010, p. 8).

A passagem acima mostra o chamamento público feito pela LVRG para dar início às decisões referentes à organização do campeonato de 2010. Nesse ano, a competição teve a 17ª edição da categoria veteranos, acima de 40 anos, e a 2ª edição da categoria máster, acima de 50 anos.

Entre os assuntos que foram discutidos na primeira reunião estiveram a taxa de arbitragem, os horários dos jogos e a data para o início da competição. A organização da equipe de arbitragem também costuma ser feita por intermédio de um comunicado público, como mostra a passagem a seguir:

A Liga de Veteranos do Rio Grande praticamente definiu suas competições para a temporada de 2010. A entidade faz chamamento para filiação dos árbitros que gostariam de fazer parte do quadro arbitral para comparecerem na próxima quinta-feira, 08, às 19h, na sede da entidade, a fim de comunicar algumas mudanças estruturais à categoria. (Jornal Agora, 2-3/4/2010, p. 8).

ficha extra que exceda o número de 20 fichas a que os clubes têm direito na inscrição (valores do campeonato de 2010).

²⁴ De acordo Magnani (1984), “pedaço” significa um espaço localizado entre a casa e a rua, o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade mais ampla do que a familiar e mais “densa, significativa e estável” do que as relações formais da sociedade (p. 116).

A edição do campeonato de 2010 da LVRG teve início no dia 8 de maio e contou com a participação de 12 equipes na categoria veteranos²⁵ e sete equipes na categoria máster²⁶ (Jornal Agora, 27/4/2010).

Na categoria de veteranos é permitida a inscrição de jogadores com 40 anos completos e na categoria máster somente jogadores com 50 anos ou mais, com exceção dos goleiros, que “poderão atuar com 40 anos completos, desde que estejam legalmente inscritos por qualquer entidade filiada participante da modalidade de veterano.” (LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE, 2010b, parágrafo 1º).

A exceção para os goleiros é uma prática bastante frequente nas competições que estabelecem um limite mínimo de idade. Stigger (1997), por exemplo, encontrou essa mesma situação quando analisou um grupo de futebol de veteranos na cidade de Porto Alegre (Brasil). Uma das justificativas para essa exceção está na dificuldade que alguns clubes encontram para completar equipes com jogadores com idade mais avançada e também porque na posição de goleiro a diferença etária não representa uma vantagem tão significativa como representa entre os outros jogadores.

A categoria de veteranos foi disputada em duas fases, na primeira, todos contra todos, no modelo de turno e retorno entre as 12 equipes inscritas, classificando-se para a segunda fase as oito primeiras colocadas. A partir da segunda fase o campeonato seguiu o sistema de mata-mata e as equipes melhores classificadas na primeira fase tiveram a vantagem de jogar por dois resultados iguais na fase seguinte. (LIGA DOS

²⁵ Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, Associação Esportiva Santa Bárbara Futebol Clube, Associação Futebol Clube Mirim, Cassino Futebol Clube, Esporte Clube Santo Antônio, Grêmio Esportivo Nacional, Palmeira Futebol Clube, Real Nortense Futebol Clube, Sociedade Esportiva Recreativa Zodíaco, Sociedade Recreativa e Esportiva Camponéz, União Esportiva Villarreal e União Esportiva Villarreal B (VRB).

²⁶ Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, Cassino Futebol Clube, Clube Atlético Saveiros, Clube Olímpico Raça, Confraria da Bola, Quinta Futebol Clube e Escola de Samba Vim pra Ficar. Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

VETERANOS DO RIO GRANDE, 2010a)²⁷. A categoria máster teve 07 equipes inscritas, que foram divididas em duas chaves, uma com 3 e outra com 4 equipes. Essas equipes jogaram entre si em cada chave, no sistema todos contra todos, turno e retorno, classificando-se as duas melhores equipes de cada chave. A partir da segunda fase até a final a competição seguiu o sistema mata-mata, sempre com dois jogos. (idem, 2010b).

Os jogos aconteceram aos sábados à tarde, no horário das 15h30min. Quando um clube sediava dois jogos no mesmo dia, a categoria máster fazia o jogo preliminar, às 13h30min, e os veteranos o *jogo principal*, às 15h45min.

Ao visitarmos os campos sede de todas as equipes, observamos algumas particularidades que diferenciam um clube de outro. Uma dessas diferenças está na constituição das equipes, pois alguns times são formados majoritariamente por moradores do bairro a que o clube pertence, como é o caso da Associação Futebol Clube Mirim, que fica em um bairro de pescadores, e a maioria dos jogadores são trabalhadores que sobrevivem da pesca. Noutros casos, há jogadores de diferentes localidades, como no Cassino Futebol Clube, que possui em seu plantel jogadores que residem na cidade de Pelotas, distante 70 km do Balneário Cassino.

Por priorizar a formação de uma equipe competitiva, que busca jogadores de fora da cidade de Rio Grande, geralmente remunerando esses jogadores, o Cassino F.C. costuma ser alvo de brincadeiras como: “o Cassino tem muito boleiro”, “o Cassino é time de elite” (Trecho do Diário de Campo nº 29, 5/10/2010).

²⁷ A pontuação nas duas competições seguiu os critérios: vitória=3 pontos, empate=1 ponto e derrota=0 pontos. A partida final foi realizada entre as equipes do Piratiny (campeão) e Zodíaco (vice-campeão).
Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

A LVRG: O SUPORTE ORGANIZATIVO PARA A COMPETIÇÃO

Entre os atributos organizativos da LVRG, chama atenção a multiplicidade de tarefas que precisam ser cumpridas para que os jogos aconteçam. Toda segunda-feira, às 19 horas, ocorre uma reunião com os árbitros e, nas terças, no mesmo horário, há uma reunião com os representantes dos clubes que fazem parte da competição. Os representantes geralmente são sujeitos que possuem um significativo pertencimento clubístico e certo reconhecimento junto à liga²⁸. Nessas reuniões, as principais atividades são: a inscrição de atletas e clubes na competição; a entrega de carnês e regulamentos; a verificação de súmulas; o pagamento de taxas de inscrição e arbitragem; o controle de cartões amarelos e vermelhos; a liberação de fichas e consulta à tabela de pontuação; a elaboração e a divulgação do cronograma de jogos; os mandos de campo; e a discussão sobre os julgamentos disciplinares.

As práticas organizativas da liga mostram a valorização que ela atribui ao futebol de veteranos. Um exemplo disso está na inscrição dos jogadores, para a qual se exige uma cópia autenticada em cartório da identidade civil ou a apresentação da original junto com a cópia. De acordo com um diretor da liga, a medida foi tomada a partir de um episódio em que um clube fichou um atleta com um documento falso. A diretoria denunciou o caso à justiça comum e estipulou que o julgado não poderá mais participar das competições da LVRG²⁹.

Os representantes dos clubes aproveitam os encontros semanais para acertar detalhes dos próximos jogos, horário de chegada, uniforme, ajustes no campo e

²⁸ Como exemplo, um dos representantes do Zodíaco que se destacava em jogos e reuniões havia sido jogador profissional de futebol. Por isso, era um orgulho para a comunidade e ainda foi um dos fundadores do bloco carnavalesco do bairro, do qual ainda participa na organização. Tanto o clube quanto o bloco são vinculados à Sociedade Esportiva e Recreativa Zodíaco.

²⁹ Houve um caso de falsificação de um jogador que tinha 37 anos e tentou se passar por 40, para ingressar no campeonato da liga.

transporte. A maioria das conversas possuem tons amigáveis e quase sempre continuam fora da liga. Esses encontros também são utilizados para estabelecer contatos e fazer convites a jogadores e treinadores, para que componham suas equipes na próxima edição da competição. Algumas conversas tratam de fatos de campeonatos anteriores, e chama a atenção o detalhe e a precisão com que certas jogadas são lembradas e narradas. Os lances de jogo também são constantemente relacionados a episódios do futebol profissional (Diário de Campo nº 35, 3/11/2010).

Com a proximidade do final do campeonato, os participantes começam a elaborar as possíveis combinações de jogos e resultados, estudando as probabilidades de as equipes chegarem às disputas decisivas. Em uma das reuniões, o diretor dos árbitros entrosou-se nessas previsões, emitindo palpites sobre possíveis resultados e combinações que ele considerava prováveis, demonstrando ter o conhecimento das colocações e pontuações das equipes. Esse momento *probabilístico* que acontece principalmente na sede da liga aparece como uma das formas de sociabilidade daquele grupo que participa das reuniões de equipes, como membros representantes dos seus clubes.

Observo que os participantes montam várias possibilidades de final e semifinal, eles já definem ainda, quem tem e não tem chance, segundo cada um. Os raciocínios são extensos e, muitas vezes, ficava difícil acompanhar, eles envolvem variáveis como empates, vitórias e derrotas, saldo de gols e colocações nas chaves. Em meio a essas previsões, também surgem lembranças de outros campeonatos, sobre disputas acirradas com alcance de resultados improváveis e partidas com viradas que pareciam ser impossíveis. (Trecho do Diário de campo nº 33, 26/10/2010).

Em algumas reuniões também presenciamos debates e discussões de assuntos não referentes ao futebol, como as reivindicações dos pescadores e o incentivo ao voto em candidatos a cargos políticos que mantêm alguma relação com a liga ou que são incentivadores da prática do futebol de veteranos.

Os encontros na liga são momentos de reunião das equipes que, embora adversárias em uma competição, parecem pertencer a um mesmo grupo social. Para Elias e Dunning (1992, p. 324), o “desporto proporciona a identificação de grupo” ou mais especificamente a “formação da ideia de se pertencer” a um grupo.

Para além do tempo-espaço que é dedicado ao encontro do grupo, a maioria dos temas abordados também focaliza o próprio grupo de veteranos, ou seja, entre os assuntos tratados na liga, os acontecimentos que marcam o próprio campeonato de veteranos são os mais corriqueiros. A cada rodada do campeonato produz-se mais “matéria-prima”³⁰ (GASTALDO, 2006, p. 5) para a interação entre os veteranos na sede da liga.

Essa matéria ou conteúdo da “sociação”³¹ (SIMMEL, 1983, p. 166), que é produzida por eles nos jogos, é uma das formas de interação entre os membros de diferentes equipes da liga: “as formas engendradas pelos propósitos materiais da vida [...] tornam-se, elas mesmas, a finalidade e a matéria de sua própria existência” (ibidem, p. 168).

Hoje eles comentaram sobre casos de fanatismos extremos por equipes participantes de campeonatos passados. E completam reclamando que hoje em dia, não há justificativa para que jogadores de um bairro saiam desse local para jogar em outros clubes, de bairros diferentes. Falaram muito sobre formação de times e comportamentos dos jogadores (Trecho do Diário de Campo nº 41, 23/11/2010).

Nas segundas-feiras, a partir das 19 horas, acontecem as reuniões de árbitros.

Nesse encontro, eles entregam as súmulas dos jogos preenchidas, e o presidente da liga

³⁰ No texto referido, Gastaldo trata do futebol profissional/espetacularizado como tema da sociabilidade masculina e relata assuntos comuns tratados nesses momentos, como a compra e venda de jogadores, “relatos clínicos” detalhados sobre craques lesionados e especulações sobre resultados e colocações nas tabelas que são veiculados diariamente na mídia. A esses assuntos esportivos, o autor atribui a denominação de “matéria-prima” às interações de sociabilidade, principalmente masculina, em todo o país.

³¹ Simmel designa como matéria da sociação tudo o que está presente nos indivíduos de modo a mediar influências sobre os outros e também receber influências; tudo o que faz parte das realidades históricas das pessoas, manifestando-se através de impulsos, interesses, propósitos etc.

as revisa e faz o pagamento da rodada. Alguns utilizam essas reuniões para solicitar o auxílio de outros árbitros mais experientes para, por exemplo, preencher a súmula, que é finalizada ali mesmo (Diário de campo nº 28, 4/10/2010). Assim como ocorre nas reuniões dos representantes dos clubes, as de árbitros também são marcadas pelos comentários da última rodada do campeonato.

Em outro encontro semanal (geralmente nas quintas-feiras, às 19 horas), ocorrem os julgamentos dos atletas ou das equipes punidas pela arbitragem e pelo regulamento da competição. Nesses encontros, jogadores e equipes têm a oportunidade de fazerem suas defesas, visando minimizar ou suspender as penalidades indicadas. A LVRG procura seguir as indicações do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD)³².

Alguns membros acumulam funções na entidade e em seus respectivos clubes, mas a maioria dos sócios participa mais das atividades em seus respectivos clubes. Aqueles que participam das atividades na sede da LVRG (árbitros, jogadores, dirigentes, presidentes ou treinadores) formam um grupo que possui maior envolvimento com a organização das competições.

Aproximamo-nos aqui do que identificou Stigger (2002), quando constatou que mesmo dentro de um mesmo grupo existem diferentes maneiras de os integrantes se relacionarem com a mesma prática social, neste caso, com o futebol de veteranos.

Entre os jogadores também existe uma significativa diferença sobre a importância e o envolvimento que cada um atribui aos jogos. Enquanto alguns participam dos jogos sem uma preocupação maior com o seu desempenho em campo,

³² O Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) pode ser considerado um sistema de normas tipificadoras de infrações e de regras procedimentais previstas para aplicação por comissões disciplinares e tribunais desportivos, amalgamando princípios que se ajustam às especificidades das atividades desportivas, notadamente no que tange à disciplina e às competições desportivas visando resguardar os ideais veiculados pelo esporte e “assegurar a justiça nas competições” (MELO FILHO, 2010).

outros chegam a realizar exercícios físicos durante a semana para se prepararem para os jogos dos fins de semana.

O LAZER E AS CONDIÇÕES DE SOCIABILIDADE

De um modo geral, as pessoas buscam no lazer a experimentação de uma situação de excitação agradável, que pode se assemelhar ao que sentimos em momentos “críticos sérios”³³ como incertezas, tensionamentos e desestabilidades. Mas os momentos de lazer podem também possuir certas singularidades, como, por exemplo, um nível aceitável de inconsequência diante do que poderá ocorrer (ELIAS; DUNNING, 1992).

Na sociedade contemporânea, mesmo no lazer possuímos um elevado grau de autocontrole social e uma preocupação com o autodomínio e o autocontrole das “tensões-excitações”. Pois, para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades, controlem a tempo, as suas excitações (ibidem, p. 103). Assim, apesar de geralmente nos sentirmos um pouco mais livres no lazer, também nesses momentos há controle e assujeitamento (ROSE, 1988).

A partir do momento em que um indivíduo opta por se tornar um membro da LVRG, ele assume compromissos e diferentes condições de interação com outros indivíduos pertencentes a essa instituição. Tal união através de opções semelhantes – nesse caso, o futebol de veteranos – cria uma unidade. Para Simmel (1983), os dados de qualquer realidade histórica presentes nos indivíduos, capazes de engendrar ou mediar influências sobre os outros, podem ser chamados de conteúdo/matéria da sociação. Para

³³ Podemos considerar dentre os momentos críticos sérios uma entrevista ou processo seletivo de emprego, por exemplo. Para Elias e Dunning, em comparação com as sociedades menos desenvolvidas, nas industriais mais avançadas são menos frequentes os casos de excitação dos indivíduos diante de um momento crítico sério.

o autor, algumas relações sociais são “fatores de sociação”, “apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para outro”. Para ele, “a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses” (ibidem, p. 166).

A constatação de que os indivíduos estão organizados em uma unidade não garante que predomine a sociabilidade no grupo, pois, para Simmel, a sociabilidade se caracteriza com a “forma lúdica da sociação” (ibidem, p. 169). Assim, as interações que constituem a LVRG criam condições para sociabilidades, mas não a própria “sociação” lúdica.

DILEMAS DA ORGANIZAÇÃO

Não há um consenso entre todos os participantes da LVRG sobre o sentido e o modelo que deveriam ter as práticas futebolísticas organizadas pela liga. Alguns avaliam que não haveria necessidade de tantas formas de controle, de punições rigorosas ou de um regramento muito rígido e reivindicam uma maior flexibilização nos regramentos e no regulamento das competições.

E por causa dos controles perdemos doze pontos, nos tiraram doze pontos. Até essa é uma das coisas que eu tenho que falar, que inclusive ano que vem quando a Liga fizer a reunião para montar o regulamento eu vou sugerir: a perda de ponto só se tiver jogador mal escrito, ou se eu botar jogador suspenso pra jogar [...] mas porque assinou mal uma súmula ou porque o cara tava suspenso como atleta e ficou lá de treinador. [...] Isso aí é uma das coisas que a gente vai debater muito com a liga. Tem que ver que o cara tá jogando, mas tu tá com outras coisas em... de repente tu passa por dentro do campo, então, pô vai ser expulso, não dá né? (Entrevista – MACEDO, 2011).³⁴

³⁴ Um fato bastante singular ocorrido durante o campeonato de 2010 foi o falecimento do jogador Carlos Emanuel Souza (Carlão)³⁴ durante uma partida pela categoria máster. Em função do ocorrido, a partida foi suspensa (os outros jogos permaneceram em andamento). Posteriormente, a partida foi retomada, respeitando o placar e o tempo de jogo que já havia transcorrido (Trecho do Diário de Campo nº 12, 10/8/2010).

Os filiados que, além de jogar, também estão vinculados à organização da liga e das competições, auxiliando nas tarefas organizacionais, estruturais ou burocráticas (as condições dos campos, os horários dos jogos, a tabela da competição, atuação dos árbitros etc.) tendem a valorizar mais os aspectos formais e organizativos. Aliás, essas características ajudaram a LVRG a alcançar um significativo reconhecimento em toda a região.

Nós somos os pioneiros. Essa honra a gente vai guardar conosco [...] Como vem muita gente de Bagé pra cá, foi a primeira a criar um campeonato de futebol de veterano [...] Me convidaram para entregar o troféu e discursar sobre como é o nosso futebol. Eu sei que eles começaram por nossa causa, porque alguns atletas vinham aqui no verão e viam que aqui tinha uma organização (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

Desse modo, percebemos que convivem dentro da LVRG duas posições: uma que reivindica uma organização menos rígida, mais informal, e outra que preza por uma organização inspirada no futebol profissional.

EXTRACAMPO

Além dos encontros na própria liga e dos jogos, alguns sujeitos envolvidos com o futebol de veteranos costumam encontrar-se também para outras atividades de lazer, na maioria relacionadas ao futebol, como assistir pela televisão as partidas das equipes pelas quais eles torcem e ir aos estádios dos clubes da cidade do Rio Grande: Sport Club Rio Grande e Sport Club São Paulo³⁵.

Como assinalou Dias, “não tem como tu chegar num campo de futebol profissional que não vá ter boleiros do nosso veterano” (Depoimento – DIAS, 21/3/2011). Para assistir ao futebol pela televisão, um dos lugares preferidos é a sede da Associação Recreativa Piratiny Futebol Clube, na Rua Bento Gonçalves nº 253. Esses

³⁵ Esses eram os dois clubes de futebol profissional da cidade de Rio Grande que, no ano de 2010, estavam envolvidos em competições federadas.
Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

encontros contribuem para instituir a LVRG componentes que Magnani (1984) atribuiu aqueles lugares que possuem características de um “pedaço”, lugares públicos que potencializam uma sociabilidade “densa significativa e estável”, (ibidem, p. 116).

Além dessas atividades, alguns jogadores, para melhorarem suas condições físicas realizam durante a semana, alongamentos, caminhadas, musculação e corridas. Em 2010, com o apoio da LVRG, uma academia da cidade³⁶ elaborou um modelo específico de treinamento para os jogadores de futebol não profissionais, denominado *Futebol Fitness*. Isso mostra um pouco da seriedade e da importância que alguns dedicam para as competições organizadas pela LVRG.

Há também os preparativos coletivos. Apesar de não haver tempo livre para treinos ao longo da semana, algumas equipes realizam reuniões à noite: “Seguido a gente faz uma reunião, para saber aonde tá, e se tá errado, aonde tá certo. Pra conversar né, para botar os pontos nos ‘is’” (Entrevista – LOPES, 9/9/2011).

Outra questão que se destaca no futebol da LVRG são as formas que cada clube utiliza para resolver as dificuldades relacionadas ao deslocamento dos jogadores, o fardamento, as condições estruturais do campo etc. Geralmente essas questões demandam o envolvimento de várias pessoas. Luiz Carlos, da equipe máster do Clube Atlético Saveiros, em conversa conosco, comentou que

[...] na sexta-feira ele liga para todos integrantes do seu time, para saber como estão e se tá tudo certo para o dia seguinte. Ele mesmo leva pra casa todo o fardamento e lava. E não é a mulher dele, enfatizou, “sou eu mesmo” porque ela trabalha. Eu coloco a camisa e o calção na máquina e as meias têm que esfregar uma por uma. Aí eu começo (mostrou como esfrega) e eu chamo ela para me ensinar, mas eu tive que aprender. Eles [o time] já gastam muito com os juízes e inscrição (Trecho do Diário de Campo nº 9, 8/6/2010).

³⁶ A modalidade *Futebol Fitness* foi oferecida pela academia Mundo Fitness, localizada no bairro Bolaxa em Rio Grande/RS. Os dizeres do pôster eram introduzidos com a seguinte frase: “Para você... atleta de fim de semana, atleta amador, simpatizante do futebol e todas as pessoas que admiram o futebol e nunca participaram de um treinamento sistematizado, prepare-se...”.

Em um jogo que acompanhamos em São José do Norte, no campo do Bento Futebol Clube, os próprios jogadores chegaram mais cedo e pintaram o campo.

Quando os jogos são realizados na cidade de São José do Norte³⁷, ou quando a equipe do Real Nortense Futebol Clube vem jogar em Rio Grande, há uma preocupação maior com o transporte, pois a travessia entre São José do Norte e Rio Grande é feita de lancha. Assim, há um cuidado maior para saber se não ocorreu um imprevisto com o deslocamento de um ou outro jogador: “temos que saber se o cara tá indo, tu tem que ir lá pegar eles na lancha” (Entrevista – DIAS, 21/3/2011).

Na maioria dos jogos que acompanhamos, foram os próprios jogadores que, após o término dos jogos, retiraram as redes das goleiras, recolheram as bandeirinhas e as bolas. Nas reuniões da liga, o estado dos campos é um tema frequente. Se estiverem bem cuidados, eles se tornam motivo de reconhecimento e elogios; por outro lado, se estiverem muito mal cuidados, podem se tornar alvo de reclamações, chacota, gozação.

SINGULARIDADES FUTEBOLÍSTICAS NO CAMPEONATO DE VETERANOS 2010

Os jogos de futebol pelo Campeonato de Veteranos que observamos se caracterizaram pela forte intensidade futebolística, excitabilidade e um desejo coletivo pela vitória. São características similares ou próximas às que Elias e Dunning (1992) identificam no processo de emergência do esporte moderno.

A organização do campeonato (regramento, estatuto, punições, fases da competição, premiações), aliada à competitividade presente na maioria dos jogos e à organização das equipes que contam com jogadores reservas, treinadores etc., mostram

³⁷ São José do Norte é uma cidade com 25.503 habitantes, distante aproximadamente 8 km de Rio Grande. Sem acesso terrestre, o deslocamento é hidroviário através da Laguna dos Patos.
Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

a inspiração e a proximidade que o futebol da LVRG possui com o futebol profissional, em diversos aspectos. Mas essa aproximação não o deslegitima como um futebol de lazer, pois, como observou Spaggiari (2008), a competitividade também pode ser concebida como aliada à satisfação, como um ingrediente para uma agradável “tensão-excitação”.

Nesse sentido, o “capital futebolístico”³⁸ também é um critério valorizado, como mostra a distinção que possuem os ex-jogadores profissionais que atualmente atuam na liga. Eles são motivo de orgulho e são constantemente citados como exemplos. Consultando as fichas dos 1.234 jogadores filiados à liga até final de 2010, identificamos 75 ex-profissionais³⁹. Além desses, há um jogador que, por ser pai de um jogador profissional em atividade, também é tratado com certa distinção.

Dias, em seu depoimento, enfatizou que no futebol de veteranos é possível identificar a existência de mais conhecimento tático de parte de seus jogadores do que em outros futebolis não profissionais praticados por jogadores mais jovens.

O futebol [de veteranos] é mais bonito e não é aquele “peladeiro”. Tem momentos do futebol amador [de novos] que tu olha e na metade do campo não tá ocupado! Tá tudo nuns montinhos, é como pegar criança com uma bola no recreio. Entrega uma bola pra eles e então todo mundo vai lá e quer dar um chute naquela bola, aí tu vê o campo tá todinho vazio e naquele canto tem dez (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

TREINADORES

A existência da figura do treinador é outra referência que, guardadas as distinções, aproxima o futebol da LVRG do futebol profissional. Apesar de nenhum

³⁸ Carmen Rial (2008) trata como “capital futebolístico” um conjunto de conhecimentos relativos ao futebol. Não são exclusivamente os de “jogar futebol”, mas também de manter relações interpessoais no meio futebolístico e gerir o futebol. Nas palavras da autora, são conhecimentos corporais, sociais ou econômicos de futebol.

³⁹ Esse levantamento foi realizado com o auxílio de três componentes da gestão atual da LVRG. Reunimo-nos na sede e passamos ficha por ficha de todos os jogadores que participaram do campeonato de 2010. A cada ficha surgiam relatos de histórias de vida daqueles sujeitos atreladas ao futebol.

time dispensar a presença do treinador, os próprios diferenciam suas funções daquelas desempenhadas pelos treinadores profissionais. Alguns se autodenominam como “entregadores de camiseta”, sem o sentido pejorativo que pode acompanhar essa diferenciação, como salientou Lopes:

O profissional, o treinador, ele tem todos os jogadores concentrados, ele só erra se quiser. Agora eu não posso te dar o meu time hoje, que vai jogar amanhã, porque eu não sei se o fulano que eu tenho escalado vai vir... Eles têm tudo na mão pra não errar e conseguem errar! (Entrevista – LOPES, 9/9/2011).

Em seu depoimento, Dias, assim como Lopes, também fez questão de demarcar as diferenças de condições que ele possui quando comparado a um treinador profissional.

Ser treinador é tu ter dois ou três dias da semana que tu tá convivendo com aquele cara e fazendo alguma jogada fazendo alguma coisa. Mas o entregador de camiseta, tu tem que ser um pouco mais objetivo, tu não tem que ensinar a jogar futebol, o treinador é aquele que ainda consegue ensinar. Então, aquele cara que vem com um cacoete de só sair pra um lado e tu tem que fazer com que ele vire para um lado e vire para o outro. Mas, como entregador de camiseta, tem que botar ele nesse lugar que ele sabe. Então, tu larga ele só por aquele lado que tu sabe que ele joga. Então é isso meu... Eu tenho essa coisa comigo, eu gosto de ser treinador, mas sou mais entregador de camiseta (21/3/2011).

Essa comparação com os treinadores profissionais foi bastante frequente nas conversas na liga e no seu entorno. Isso talvez se deva, em parte, à nossa cultura futebolística, que criou o mito do treinador, pelo qual o desempenho de uma equipe muitas vezes é reduzido unicamente ao trabalho do treinador (WAGG 2006).

Na liga, os treinadores não costumam treinar sua equipe durante a semana e geralmente são reconhecidos pelo envolvimento com a prática futebolística e pelo seu histórico como treinadores.

A maioria começa como treinador a partir de convites dos clubes e, principalmente, porque já foram jogadores bem-sucedidos. Já a continuidade na função depende do desempenho que conseguem, por títulos, boas colocações etc. Aqueles que

alcançam um destaque maior passam a ser requisitados por vários clubes, com a opção de escolher e fazer algumas exigências.

Eu comecei no veterano em 2003, dirigindo o Esporte Clube Terezinha. Aí trabalhei dois anos no Terezinha. No próximo ano fui treinador do Cassino, aonde a gente foi campeão. Aí, no outro ano eu estive no Mirim F. C. lá na quinta secção da Barra, a gente foi campeão também. Depois vim treinar o Santa Bárbara, fui vice-campeão pelo Santa Bárbara. Depois retornei ao Cassino, aonde tornei a ser campeão em cima do Santa Bárbara. Depois treinei o Raça, aonde cheguei as quartas de finais [...] aí depois, hoje, eu me encontro no Palmeiras... e espero dá o título ao Palmeiras (Entrevista – LOPES, 9/9/2011).

Treinador é uma coisa muito difícil, sabe? É uma coisa que ninguém quer pegar e quem pega larga, daí a pouco, mas eu tinha essa manutenção em todos os clubes que eu andei, eu entrava e terminava o campeonato (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

Apesar de a função de treinador ser oficializada na LVRG, em algumas equipes se juntam vários membros do clube na lateral do gramado, ao lado do treinador oficial de forma que quem está assistindo ao jogo tem dificuldade para decifrar quem é o treinador. A passagem a seguir do diário de campo ilustra um pouco essa situação.

Parecem ser muitos os treinadores ao redor do campo. É difícil identificar quem é o treinador, pois são muitos os que gritam, orientam, se deslocam pelas linhas laterais e de fundo, pedem cartão e reclamam de faltas. Na minha frente se formou uma parede de homens, alguns fardados, outros não. Com o passar do tempo chegam outros e todos avançam cada vez mais para dentro do campo (Trecho do Diário de Campo nº 5, 14/5/2010).

Apesar dessa aparente multiplicidade da função de treinador, cabe especificamente a ele reunir e escalar os jogadores antes de cada jogo, reunir o grupo no intervalo, realizar as substituições na equipe e, às vezes, providenciar e conferir o fardamento antes e após cada partida. Cabe também ao treinador tentar se reunir com o grupo algumas vezes, em momentos decisivos da competição.

Lopes comentou durante a entrevista que na hora da “preleção” a maioria dos jogadores escuta e faz o que ele pede. Mas nem sempre as decisões tomadas pelos

treinadores são acatadas complacentemente – as mais questionadas costumam ser as substituições.

Em um dos jogos que assistíamos, os próprios jogadores que estavam na reserva se queixavam com o treinador, dizendo: “olha lá, aquele tá morto e não pede pra sair!” (Diário de Campo nº 6, 29/5/2010). Numa outra ocasião, um jogador foi substituído e saiu lentamente de campo, mesmo com seu time perdendo. Então, seus companheiros de equipe se irritaram e tentaram lhe apressar: “O jogador saiu furioso, reclamando e gesticulando negativamente por ter sido substituído” (Diário de Campo nº 36, 6/11/2010). Apesar de a maioria não gostar de serem substituídos, existem jogadores que aceitam com mais naturalidade; alguns inclusive pedem para que isso aconteça.

Por fim, ser treinador na LVRG, assim como ocorre no futebol profissional, apesar de não envolver contratos e nem remuneração, também representa certa exposição. Não raramente o treinador é identificado como o maior responsável pelo desempenho da equipe, apesar de na prática essa função muitas vezes ser compartilhada por mais de um indivíduo.

DISCIPLINA: JULGAMENTOS E PUNIÇÕES

Uma das preocupações da LVRG é a disciplina futebolística, por isso os casos que envolvem punições disciplinares são julgados semanalmente na sede da instituição. Os julgamentos são abertos ao público, aos jogadores, dirigentes e árbitros. Anterior a cada julgamento, a pauta da convocação dos processos para julgamento é fixada no mural da liga, com o nome dos *denunciados*, o clube a que pertencem e o enquadramento nos artigos do Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD). A pauta que relaciona cada julgamento e quem fará parte deles é elaborada pela Junta

Disciplinar Desportiva (JDD), após a análise das súmulas pelo procurador da liga⁴⁰. Por isso, há uma preocupação para que toda súmula seja preenchida corretamente.

Na reunião ocorrida no dia 24 de agosto de 2010, o procurador reclamou que as equipes desorganizadas “não dão valor para as normas nem para a documentação” (Trecho do Diário de Campo nº 15, 24/8/2010). As queixas também são estendidas aos árbitros, de acordo com o procurador, “tem juiz que não corre, não sai do meio do campo e ainda abrevia as palavras na súmula” (Diário de Campo, nº 26, 28/8/2010). Dias destacou que, quando vai ter julgamento na quarta ou na quinta, ao meio-dia “tem que vir na liga pra pegar as fichas todas, anexar nos processos, ver se esse atleta tem alguma incidência de outros anos e já anexar também.” (Depoimento – DIAS, 21/3/2011).

Os denunciados ou seus representantes de clube podem retirar as cópias das súmulas dos jogos nas reuniões das terças-feiras, para preparar a defesa dos atletas punidos. Às vezes, há uma concordância entre jogadores adversários de que o árbitro está equivocado. Nesse caso, eles reúnem os argumentos comuns para as suas defesas. Um exemplo disso foi um caso em que o juiz registrou um cartão amarelo para um jogador que não havia atuado naquele jogo.

Nos julgamentos que observamos, a maioria das punições foi leve, geralmente um jogo de suspensão. No início de cada caso a ser julgado, é realizada a leitura do que o árbitro registrou na súmula. Noutros casos mais complexos, os próprios jogadores elaboram os argumentos para a sua defesa, geralmente procurando contradições na descrição da súmula, brechas na legislação etc. Houve uma situação em que os réus recorreram aos registros das punições anteriores para alegar que fazia muito tempo que

⁴⁰ O procurador da liga é Volnei Dias dos Santos, que é advogado e faz esse trabalho como voluntário.
Licere, Belo Horizonte, v.17, n.4, dez/2014

um jogador daquele clube não era julgado e que a última vez que isso havia ocorrido foi em uma final, em decorrência da “energia excessiva” presente na decisão (Diário de Campo nº 38, 11/11/2010).

De modo geral, observamos que, quanto aos julgamentos e às punições, apesar de elas se subsidiarem em normas e regulamentos do futebol profissional, há uma significativa readaptação no sentido de tentar ajustá-las da melhor maneira possível à realidade das disputas organizadas pela LVRG.

Os integrantes da diretoria da liga demonstram orgulho pela sistematização e pela organização que utilizam nas competições. Esse orgulho é maior quando há o reconhecimento de outras entidades. Isso aconteceu, por exemplo, na ocasião em que a prefeitura de São José do Norte solicitou um apoio da LVRG para organizar a parte disciplinar do Campeonato de Futebol Amador daquela cidade na edição de 2011.

O valor atribuído à disciplina futebolística demanda uma preocupação com a arbitragem. No ano de 2010, o quadro de árbitros da liga era constituído por 15 componentes. Nas primeiras fases, apenas o árbitro principal apitava as partidas; a partir da fase de eliminatória simples (mata-mata), utilizavam-se também os dois árbitros auxiliares (bandeirinhas) ⁴¹.

A utilização de cartões amarelos e vermelhos é outro indicativo das similaridades que o futebol da LVRG mantém com o futebol profissional – há, inclusive, certa aproximação entre a média de cartões por partida com a média dos campeonatos profissionais. No Campeonato Brasileiro de 2010, por exemplo, a média de cartões foi de 4,82 por partida⁴². Já no Campeonato de Veteranos (2010) da liga, a

⁴¹ Segundo o presidente da liga, a utilização de apenas o árbitro principal nas fases iniciais tem como objetivo reduzir as despesas com as competições.

⁴² Disponível em: <<http://www.lancenet.com.br/minuto/Campeonato-Brasileiro>>.

média ficou em 5,34 (685 amarelos e 96 vermelhos)⁴³. Essa média elevada de cartões é até superior à de competições profissionais e também é um indicativo da intensidade futebolística que predominou nos jogos. Mais uma mostra da competitividade⁴⁴, da preocupação com o resultado, e do empenho dos jogadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa teve como objetivos principais investigar a emergência e o funcionamento da LVRG e analisar algumas singularidades constituintes das competições futebolísticas organizada pela liga, mais especificamente a 15ª edição do Campeonato de Veteranos, ocorrido em 2010.

Como conclusão da pesquisa, ressaltamos a caracterização do Campeonato de Veteranos da LVRG como um futebol que produz uma “agradável tensão-excitação” no sentido que a conceberam Elias e Dunning (1992). Concluimos também que essa boa “tensão-excitação” está relacionada e é constituída pela intensidade das disputas que predomina na maioria dos jogos.

Essa intensidade futebolística se expressa, por exemplo, pelo número de cartões vermelhos e amarelos aplicados nas partidas (média próxima à do futebol profissional), pela regulamentação das competições e pela importância que os clubes atribuem aos resultados dos jogos e para a conquista de um campeonato. Individualmente, isso se expressa, por exemplo, no empenho, na responsabilidade e na dedicação dos jogadores, que podem ser visualizados na assiduidade aos jogos (as ausências não justificadas são

⁴³ Para chegar a esses dados, analisamos o mapa de controle dos cartões amarelos e vermelhos elaborado pela LVRG e disponível para consulta dos clubes.

⁴⁴ A ênfase atribuída à competição em um futebol de lazer nos remeteu às colocações que Huizinga (2008) faz sobre a presença da competição no próprio jogo.

raras), ou nas diferentes atividades físicas que alguns jogadores realizam durante a semana como treino para os jogos dos fins de semana.

Outro componente do futebol da LVRG que se destacou no estudo foi a preocupação, que às vezes beira a uma obstinação, que a liga possui com as questões organizativas (datas e horários dos jogos; reuniões semanais com os representantes dos clubes; reuniões com o quadro de árbitros; constituição de um detalhado regulamento para cada competição; julgamentos e punições de jogadores ou de diretores de clubes infratores etc.). Como parte dessa organização/sistematização destaca-se a manutenção de um acervo em que ficam arquivados súmulas, fichas de jogadores e outros documentos, tanto das competições em andamento como das anteriores.

Apesar de para alguns parecer excessiva, essa preocupação organizativa mostrou-se fundamental para a manutenção das competições e produziu um reconhecimento da liga, inclusive em outras cidades.

Outro ponto que merece ser lembrado é o fato do estudo ter tratado especificamente de uma competição organizada por uma Liga de Veteranos, entidade que organiza competições exclusivamente para jogadores acima de 40 anos de idade. Nesse sentido, o estudo mostrou que o futebol de várzea de veterano possui uma lógica muito próxima ao futebol de várzea da categoria livre (adulto), apesar de algumas particularidades. Essa proximidade pode ser identificada tanto nos aspectos estruturais e organizativos das competições como na intensidade das disputas, na dedicação dos jogadores e na importância que os indivíduos que participam desse futebol atribuem, por exemplo, para a vitória da sua equipe ou pelo título de campeão de uma determinada competição.

Por fim, as competições de futebol organizadas pela LVRG podem ser definidas como um singular futebol de lazer que se inspira no futebol profissional. Elas se mantêm como um futebol de lazer, principalmente, porque seus adeptos (jogadores, torcedores, dirigentes etc.), participam dele em seu tempo de não trabalho, não almejam objetivos profissionais e gozam de um maior livre-arbítrio, se comparado com as obrigações do trabalho.

A liga, com suas práticas futebolísticas, também é um agente que fomenta outras vivências de lazer e sociabilidade, como a assistência coletiva aos jogos de futebol pela televisão e/ou nos estádios da cidade, além de reuniões e festas de outra natureza. Assim, a LVRG pode ser caracterizada como um tempo-espço de lazer e futebol, ou do futebol como lazer, que propicia o encontro, promove a sociabilidade e se renova todos os anos.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **A Condição Humana**. São Paulo: Editora Forense-Universitária, 2007.
- ACADEMIA MUNDO FITNESS. **Futebol Fitness**: uma modalidade de academia voltada ao treino de futebol. Rio Grande: 2011. Fôlder.
- ADAUTO, F. O futebol da cidade não morreu, só mudou de lugar. In: COSTA, M. R. *et al.* (Org.). **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- BAULER, S. R. G. **O futebol faz rolar mais do que uma bola**: um estudo sobre os significados do futebol numa periferia urbana. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2807> . Acesso em: 12 set. 2011.
- _____. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese (Doutorado em Antropologia Social)

Micheli V. Ghiggi, Méri Rosane S. da Dilva, Marcos Paulo Stigger e Liga de Veteranos do Rio Grande
Elizara Carolina Marin e Luiz Carlos Rigo

– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Senso de jogo. **Revista Esporte e Sociedade**, Santa Cruz do Sul, n. 1, nov. 2005/fev. 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es103.pdf> . Acesso em: 12 fev. 2011.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

GASTALDO, E. L. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Revista Esporte e Sociedade**, São Leopoldo, n. 3, jul./out. 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es304.pdf> . Acesso em: 14 mar. 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HIRATA, D. V. No meio de campo: o que está em jogo no futebol de várzea? In: _____, *et al.* **Nas tramas da cidade**: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 243-278.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2008.

IBGE. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431490&search=rio-grande-do-sulporto-alegre>. Acesso em: 24 abr. 2014

LAGES, C. E. D. M.; DA SILVA, S. R. Futebol e lazer: diálogos e aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 1-13, mar. 2012. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV15N01_ar2.pdf> . Acesso em: 10 dez. 2012.

LAZZOLI, J. K. *et al.* I Consenso de Petrópolis. Posicionamento Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte sobre Esporte Competitivo em Indivíduos acima de 35 anos. **Revista Brasileira Medicina Esporte**, n. 7, p. 83-92, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922001000300004&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 9 mai. 2011.

LIGA DE VETERANOS DO RIO GRANDE. **Estatuto**. Arquivos da LVRG. Rio Grande: LVRG, 1995.

_____. **Regulamento do Campeonato Máster - 50 anos**. Rio Grande: LVRG, 2010a.

_____. **Regulamento do Campeonato de Veteranos - 40 anos**. Rio Grande: LVRG, 2010b.

_____. **Histórico da Liga de Veteranos do Rio Grande**. Levantamento da diretoria 2009/2010. Rio Grande: LVRG, 2010c.

Micheli V. Ghiggi, Méri Rosane S. da Dilva, Marcos Paulo Stigger e Liga de Veteranos do Rio Grande
Elizara Carolina Marin e Luiz Carlos Rigo

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MELO FILHO, Á. CBJD 2010: reequilíbrio do jogo jus-deportivo. **Revista Derecho Deportivo en Línea**, n. 15, p. 41-62, abr./ago. 2010. Disponível em: <http://nuke.dd-el.com/LinkClick.aspx?fileticket=BJwkcRzUdn0%3d&tabid=60&mid=396&language=en-US>. Acesso em: 13 jun. 2011.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre**. Tese de Doutorado. Porto Alegre; Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/67002>. Acesso em: 18 abr. 2014.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Ed. da UNESP, 1998.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Vozes, 2010.

_____. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-3.pdf. Acesso em: 20 jun. 2011.

PREFEITURA DO RIO GRANDE. **Homepage**. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/pagina-inicial>. Acesso em: 4 maio 2011.

RIAL, C. S. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica**, Niterói, n. 14, jan./jul. 2003, p. 61-80. Disponível em: http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropoliticas/revista_antropolitica_14.pdf. Acesso em: 20 jun. 2011.

RIAL, C. S. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/paginas/n30/n30a02.html>. Acesso em: 12 out. 2012.

RIGO, L. C.; JAHNECKA, L.; CROCHEMORE, I. S. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 155-179, jul./set. 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/10499>. Acesso em: 20 abr. 2012.

ROSE, N. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Liberdades reguladas**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 30-45.

SILVA, S. R. (Org.). **Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, 2009.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um estudo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

Micheli V. Ghiggi, Méri Rosane S. da Dilva, Marcos Paulo Stigger e Liga de Veteranos do Rio Grande
Elizara Carolina Marin e Luiz Carlos Rigo

SPAGGIARI, E. Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural. **Horizontes Antropológicos** [online], v. 14, n. 30, p. 165-190, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/paginas/n30/n30a07.html> . Acesso em: 23 nov. 2011.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2367> . Acesso em: 23 nov. 2011.

_____. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 23-38.

WAGG, S. “Anjos de todos nós?”: os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Revista Análise Social**, n. 179, p. 347-369, 2006.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Endereço dos Autores:

Micheli Verginia Ghiggi
Rua Antônio João, 1361/01 – Centro
Corumbá – MS – 79302-002
Endereço Eletrônico: michelighiggi@gmail.com

Marco Paulo Stigger
Rua Afonso Taunay 193, apto 802,
Porto Alegre – RS – 90-520.540
Endereço Eletrônico: stigger@adufgrs.ufrgs.br

Elizara Carolina Marin
Alameda Santiago do Chile 155/402 Bairro Lourdes
Santa Maria – RS – 970505685
Endereço Eletrônico: elizaracarol@yahoo.com.br

Luiz Carlos Rigo
Rua Gonçalves Chaves, 3063/503, Bloco A – Centro
Pelotas – RS – 96015-560
Endereço Eletrônico: rigoluizcarlos@gmail.com